

## Editorial

Apresentamos aos leitores os estudos críticos que compõem o volume 19, número 1, de janeiro-julho de 2019, da Revista de Ciências Humanas da UFV. Neste número, privilegiamos a reflexão sobre as relações transversais entre Literatura e as Sociedades Distópicas, tema de fundamental importância para a compreensão de questões econômicas, políticas, sociais e/ou estéticas que examinem, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, o funcionamento dos espaços e dos processos de interação, convivência ou intolerância no mundo contemporâneo, a partir do contraste de diferentes temporalidades, línguas e culturas.

A pedra angular para a formulação da proposta que ora se realiza neste número temático foi a organização do curso de extensão intitulado *Da cidade antiga à contemporânea: sujeitos e espaços de (in)tolerância*, desenvolvido no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (DLA/UFV), de março a junho de 2019, sob a coordenação do Prof. Edson Martins. Durante o evento, que partiu de uma antologia de autores/obras formada por Homero (*Ilíada*), Sófocles (*Antígona*), Platão (*República*), Virgílio (*Eneida*), Machado de Assis (*O Alienista*), George Orwell (*1984*) e José Saramago (*Ensaio sobre a Cegueira*), transformamos a sala de aulas da disciplina *Introdução à Cultura Clássica* numa ágora pós-moderna. Nessa nova ágora, plural, constituída por mulheres e homens, negros e brancos, de classes sociais diferentes, os participantes tiveram o mesmo direito de voz e vez, e foram convidados a construir um debate coletivo, revivendo a prática grega do *διάλογος* conversando com os palestristas, professores majoritariamente ligados ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFV: os professores André Luiz Alves dos Santos (Letras), Adélcio Cruz (Letras), Cezar de Mari (Pedagogia), Davi Lelis (Direito), Edson Martins (Letras), Fernando Conde (Geografia), Joana Darc Hollerbach (Pedagogia), Júnior Vilarino (Letras) e Paulo César Oliveira (Direito). Aos quais se juntaram vozes ternas/externas ao CCH/UFV, que também nos honraram com sua presença: Alexandre Agnolon (Letras - UFOP), Maria Fernanda Garbero (Letras - UFRRJ) e Neiva Ferreira Pinto (Letras - UFJF). A coletânea de textos ora apresentada visa somar às vozes que ecoaram naquele evento outras tantas que se propõem a dialogam conosco, refletindo sobre as temáticas plurais afloradas a partir dessa “assembleia” democrática, desenvolvida em torno dos escopos do evento idealizado e realizado. Como eixo estruturante, todos os textos aqui reunidos partem da Literatura em face da emergência dos fascismos de ontem e de hoje que tentam nos calar,

oprimir, torturar, vigiar e/ou controlar. A despeito deles, resistimos. A despeito deles, existimos, cumprindo o importante dever da Universidade Pública brasileira.

Na coletânea de textos reunida no presente número, os leitores encontrarão sete artigos que introduzimos a seguir em suas linhas gerais.

Em *Literatura afro-brasileira empenhada ou a resistência à distopia em dois momentos: Machado de Assis e Lima Barreto*, Edson Martins e Adélcio Cruz procuram dialogar com o empenho de dois escritores e intelectuais negros que, de modos distintos, tentaram romper o máximo que puderam os obstáculos diários lançados sobre a população negra/afro-brasileira desde a consolidação do pensamento colonial em terras tupiniquins. Enquanto Machado de Assis, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, obteve reconhecimento de sua intelectualidade ainda em vida, Lima Barreto, por sua vez, trilhou searas mais amargas, sendo celebrado tardiamente pela crítica literária brasileira. No estudo, os autores percorrem as linhas-mestras da crítica literária e cultural brasileira que buscaram embranquecer Machado, lendo-o como um Homero caucasiano dos trópicos, ao mesmo tempo em que com crueldade promoveu uma espécie de “isolamento” do escritor Lima Barreto. Enquanto desconstroem essas leituras, apresentam novas possibilidades de reenquadramento estéticos, biográficos e sócio-históricos para estes dois expoentes da Literatura Brasileira moderna.

Em *Grande Sertão: veredas: o retrato alegórico do Brasil*, Rízia Lima de Oliveira busca evidenciar aspectos do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, como uma obra que está além do regionalismo, buscando ressaltar as características que apontam para um romance de formação social, ou seja, para algo além do olhar regionalista, como já observado por alguns críticos. Nesse sentido, o estudo advoga que este romance de Rosa seja lido como representação do mundo, e não apenas do sertão. O que a autora quer evidenciar é a maneira como a realidade perpassa o romance, retratando a sociedade contemporânea, partindo de um grupo de jagunços do sertão mineiro e reconstruindo retratos do Brasil. Para isto, considera os estudos de Willi Bolle e a teoria do romance de formação social. Dessa maneira, evoca o modo como esses textos críticos aparecem de forma a apontar esse aspecto da obra, como um romance social, considerando seus propósitos: não restringir a obra de João Guimarães Rosa a um único espaço ou região.

Em *O espaço de La grande de Juan José Saer por meio de perspectivas distópicas: os conflitos quanto à possibilidade de experiência no mundo*, Raquel Alves Mota analisa como o autor lança o leitor no interior do relato em movimento: as

personagens já se encontram envoltas no enigma do espaço, ou predispostas a compreender o seu grau de envolvimento com o mundo. Partindo da observação de que *La grande*, em relação a outros romances de Saer, apresenta focalização múltipla, defende a autora que podem ser percebidas duas concepções da experiência, contrapostas pela atuação do protagonista Nula e da personagem Gutiérrez. É visando destrinchar a relação dessas personagens com o mundo que se procura perpassar, fenomenologicamente, suas concepções de experiência. O descompasso entre o homem e o mundo sublinha o caráter distópico da experiência nos dois eixos apresentados pela percepção dessas personagens: ou a experiência é perpassada no seu aspecto singular e, por vezes, inapreensível ou inalcançável; ou a monotonia garante a não concreção da relação do homem com o mundo.

Em *Tempo, Utopia e Distopia em “A Geração da Utopia”*, de Pepetela, Nayara Meneguetti Pires se propõe a investigar a relação entre a alteração da concepção de tempo empreendida na modernidade e seus reflexos no sentido utópico – encaminhando também para o sentimento de distopia – a partir da análise de como a referida obra de Pepetela internaliza dialeticamente tais questões. A análise reflete sobre o constante revisitar do passado na busca de encontrar alternativas para a utopia que não se realiza. A leitura, tanto do romance quanto do artigo podem remeter às diversas “lutas”, bélicas ou não, no intuito de encontrar um futuro diferente do presente opressivo, lançando mão da trajetória das personagens tanto no enredo ficcional quanto da História contemporânea das lutas de independência em África. Portanto, por meio do estudo de Nayara Pires, é possível traçar um paralelo com outras gerações e outros movimentos políticos, bem como com outras narrativas ficcionais que transitam pelo campo/terreno movediço da memória e da utopia.

Em *Literatura e resistência: modos de performance e representação*, Adélcio Cruz apresenta uma breve comparação entre os modos de performance representação – aqui compreendidos como estratégias de resistência no campo da literatura, partindo de narrativas de dois autores afro-brasileiros e que possuem ambos sua escrita bastante divulgada tanto no Brasil quanto no exterior, desde o final da década de 1990. Em sua análise, o autor privilegia o modo de representação da violência nos textos em prosa de Conceição Evaristo e de Paulo Lins, a partir de cenas presentes em *Lágrimas insubmissas de mulheres* (2011) e de *Cidade de Deus* (2007). Ao longo do texto, destaca as questões de representação via performance de gênero, raça e classe no tocante ao cenário urbano contemporâneo.

A partir estudos da Utopia, mais especificamente no que diz respeito ao gênero distópico, o ensaio *A distopia do passado em Tupinilândia, de Samir Machado de Machado*, escrito por Pedro Fortunato e Ildney Cavalcanti, analisa o romance *Tupinilândia* (2018), de Samir Machado de Machado. Através da análise, os autores destacam as características apresentadas na sociedade ficcional imaginada por Samir Machado de Machado, que permitem uma leitura deste romance como uma distopia, bem como demonstram paralelos entre esta obra de Machado e outras distopias, sobretudo da literatura anglófona. Além disso, argumentam que a temporalidade escolhida para a formação dessa distopia, a da ditadura militar brasileira na primeira metade da década de 1980, constitui um importante elemento nas implicações do projeto composicional dessa distopia brasileira. Na conclusão, apontam que *Tupinilândia* é uma obra que possui um potencial crítico que pode nos ajudar a refletir sobre questões políticas e sociais do presente histórico no Brasil.

Ao publicar o número, agradecemos a todos os que viabilizaram a realização das duas atividades coletivas, o curso de extensão no Departamento de Letras e o número da revista, particularmente aos professores Juan Pablo Chiappara Cabrera (Chefe do DLA) e Odemir Vieira Baêta (Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) pelo convite feito aos organizadores para a organização do volume 19 da Revista do CCH.

Que o público-leitor contribua, por sua vez, com nossa ágora ao receber os textos que constituem esta coletânea.

Viçosa, 18 de dezembro de 2020.

Os Organizadores  
Edson Ferreira Martins  
Adécio de Sousa Cruz  
Patrícia Pedrosa Botelho